

Elizabeth Strout

Os irmãos Burgess

Tradução de Eugénia Antunes



A minha mãe e eu conversávamos amiúde sobre a família Burgess. «Os irmãos Burgess», chamava-lhes ela. Falávamos sobre eles ao telefone, sobretudo, porque eu vivia em Nova Iorque e ela no Maine. Mas também o fazíamos quando eu a visitava e me hospedava no hotel, lá perto. A minha mãe não estivera em muitos hotéis, e sentarmo-nos num quarto com as paredes verdes e decoradas com uma faixa de rosas cor-de-rosa para falarmos do passado, dos que já não estavam em Shirley Falls e dos que por lá continuavam, tornou-se um dos nossos passatempos preferidos.

— Tenho andado a pensar nos irmãos Burgess — dissera ela, depois de abrir a cortina para contemplar as bétulas.

Acho que os irmãos Burgess a fascinavam por os três terem sofrido publicamente, e também porque a minha mãe fora catequista deles, em miúdos. Tinha uma predileção especial pelos rapazes. Por Jim, porque já na altura era uma pessoa zangada, e tentava conter-se, na opinião dela, e por Bob, porque tinha bom coração. Não morria de amores por Susan.

— Nem eu nem ninguém, pelo que sei — disse ela.

— A Susan era bonita, em pequena — recordei. — Com os caracóis e os olhos grandes.

— E depois teve aquele filho aluado.

— Uma pena — comentei.

— Há muitas coisas que são uma pena — respondeu a minha mãe.

Naquela altura, já éramos ambas viúvas e àquele comentário seguia-se um silêncio. Então, uma de nós acrescentava que

era muito bom que Bob Burgess tivesse encontrado uma boa esposa. Essa, a segunda mulher de Bob, e a última, esperávamos nós, era uma pastora unitária. A minha mãe não gostava de unitários; achava que eram ateus que não queriam perder o folguedo do Natal, mas Margaret Estaver era do Maine, e isso bastava-lhe.

— O Bob podia ter arranjado uma nova-iorquina, tendo lá vivido tantos anos. Repara no que aconteceu ao Jim, que casou com aquela snobe do Connecticut — disse a minha mãe.

Tínhamos falado bastante acerca de Jim, é claro: sobre ter deixado o Maine depois de trabalhar no gabinete do procurador-geral, da nossa esperança de que se candidatasse a governador, do espanto que se seguira quando, de repente, não o fizera e, isso, naturalmente, fez-nos recordar o ano do julgamento de Wally Packer, uma altura em que Jim apareceu no noticiário todas as noites. Foi um dos primeiros julgamentos a ser transmitidos pela televisão e, um ano depois, O. J. Simpson ofuscaria a memória que muitas pessoas guardavam do julgamento de Wally Packer, mas até esse momento houvera admiradores de Jim Burgess em todo o país que ficaram boquiabertos ao vê-lo conseguir a absolvição de Wally Packer, o cantor *soul* de rosto gentil, cuja voz melódica («Livra-me deste fardo, o fardo do meu amor») acompanhara a maior parte da nossa geração até à idade adulta. Wally Packer, que alegadamente encomendara o assassinio da sua namorada branca. Jim manteve o julgamento em Hartford, onde a questão racial era um fator importante, e a sua seleção dos jurados foi considerada brilhante. Então, com uma paciência eloquente e inexorável, mostrou quão enganosa poderia ser a trama que unia — ou, naquele caso, alegava ele, não unia — os componentes essenciais do comportamento criminoso: a intenção e ação. Foram publicados *cartoons* em revistas nacionais, um deles retratando uma mulher que olhava para a sua sala de estar desarrumada e se perguntava: «Se a minha intenção for que a sala fique arrumada, quando é que isso

acontecerá?» As sondagens indicavam que a maioria das pessoas acreditava, tal como a minha mãe e eu, que Wally Packer era culpado. Mas Jim fez um trabalho impressionante e, com isso, ficou famoso. (Algumas revistas apontaram-no como um dos homens mais sensuais de 1993, e até a minha mãe, que detestava qualquer alusão a sexo, não o censurou por isso.) Supostamente, O. J. Simpson quisera Jim na sua Dream Team, a equipa de advogados famosos que o defenderam; foi um assunto muito debatido nas estações de televisão, porém, sem qualquer reação da parte de Burgess, ficou decidido que Jim preferira descansar sobre os louros. O julgamento de Packer deu-nos, à minha mãe e a mim, um tema de conversa numa altura em que não estávamos satisfeitas uma com a outra. Mas isso eram águas passadas. Dessa vez, quando deixei o Maine, beijei a minha mãe e disse-lhe que a amava, e ela disse-me o mesmo.

Já em Nova Iorque, uma noite liguei-lhe do meu apartamento no vigésimo sexto piso enquanto o crepúsculo avançava sobre a cidade e as luzes se acendiam como pirilampos nos campos de edifícios que se estendiam à minha frente.

— Lembras-te quando a mãe do Bob o levou a um psiquiatra? Os miúdos falavam sobre isso no recreio. «O Bobby Burgess vai a um médico para malucos.»

— Os miúdos são horríveis — disse a minha mãe. — Palavra de honra.

— Foi há muito tempo — respondi. — Naquela época ninguém ia ao psiquiatra.

— Os tempos mudaram — disse a minha mãe. — As pessoas com quem danço a quadrilha têm filhos que vão à terapia e parece que tomam todos algum tipo de medicação. E olha que já ninguém faz segredo disso.

— Lembras-te do pai dos Burgess? — Já lho tinha perguntado. Fazíamos isto, repetir o que sabíamos.

— Sim. Lembro-me que era alto. Trabalhava na fábrica. Era capataz, acho eu. E depois ela ficou sozinha.

— E não voltou a casar.

— Não voltou a casar — confirmou a minha mãe. — Na altura, nem sei que hipóteses ela teria de arranjar outro marido. Com três miúdos. O Jim, o Bob e a Susie.

A casa dos Burgess ficava a cerca de um quilómetro e meio do centro da cidade. Era uma casa pequena, embora a maioria das casas naquela parte de Shirley Falls fosse pequena, ou não muito grande. Era amarela e ficava numa colina, com um campo de um dos lados que, na primavera, era tão verdejante que, em criança, me lembro de desejar ser uma vaca para poder pastar o dia todo aquela erva húmida, com um ar tão apetitoso. O campo ao lado da casa dos Burgess não tinha vacas, nem tão-pouco uma horta, apenas aquele ténue sabor a campo perto da cidade. No verão, podíamos ver a Sra. Burgess no quintal da frente, arrastando uma mangueira em redor de um arbusto, mas, como a casa ficava numa colina, ela parecia sempre distante e pequena, e não respondia ao aceno do meu pai quando ali passávamos de carro, porque não o via, imagino eu.

As pessoas acham que as cidades pequenas são um antro de coscuvilhice, mas, quando eu era criança, raramente ouvia os adultos falar sobre outras famílias, e a situação dos Burgess foi assimilada da mesma forma que outras tragédias, como a da pobre Bunny Fogg, que caiu das escadas da cave e só foi encontrada três dias mais tarde, ou a da Sra. Hammond, que teve um tumor cerebral precisamente quando os filhos foram para a universidade, ou da destrambelhada da Annie Day, que levantava o vestido à frente dos miúdos, embora tivesse quase vinte anos e ainda frequentasse o liceu. Eram as crianças, sobretudo as mais novas, que coscuvilhavam e eram maldosas. Os adultos corrigiam-nas com severidade, portanto, se no recreio alguém comentasse que Bobby Burgess «é que tinha matado o pai» ou «andava num médico para malucos», o infrator era mandado

ao gabinete do diretor, chamavam os pais e deixava de ter direito ao lanche. Isso não acontecia com frequência.

Jim Burgess era dez anos mais velho do que eu, o que para mim o tornava tão inalcançável quanto uma celebridade, que ele era, mais ou menos, já naquela altura: era jogador de futebol e delegado de turma, e muito bonito, com o seu cabelo escuro, mas era também um rapaz sério. Recordo-o como alguém cujos olhos nunca sorriam. Bobby e Susan eram mais novos que Jim e, em diferentes ocasiões, tomaram conta de mim e das minhas irmãs. Susan não nos prestava muita atenção, embora um dia tenha decidido que nos ríramos dela e nos tenha tirado as bolachas em forma de animais que a minha mãe nos costumava deixar quando ela e o meu pai saíam. Em protesto, uma das minhas irmãs trancou-se na casa e banho, e Susan gritou com ela, dizendo que chamaria a polícia. Não me lembro do que aconteceu, exceto que a polícia não apareceu e que a minha mãe ficou surpreendida ao ver que não tínhamos comido as bolachas em forma de animais. Bobby tomou conta de nós algumas vezes e andava connosco às cavalitas. Dava para perceber que íamos agarradas a uma pessoa gentil e bondosa, pela maneira como ele virava a cabeça e perguntava, vezes repetidas: «Estás bem? Tudo bem?» Uma ocasião, quando uma das minhas irmãs caiu na entrada da garagem e arranhou um joelho, vimos que Bobby se ficou a sentir mal por isso. Lavou-lhe a ferida com a sua mão-zorra. «Ena, és uma menina corajosa. Já vais ficar bem.»

Quando cresceram, as minhas irmãs mudaram-se para o Massachusetts. Mas eu fui para Nova Iorque, e os meus pais não gostaram: era uma traição a uma linhagem de Nova Inglaterra que remontava ao século XVII. Os meus antepassados haviam sido lutadores e tinham sobrevivido a muita coisa, dizia o meu pai, mas jamais tinham posto um pé na cloaca que era Nova Iorque. Casei com um nova-iorquino, um judeu sociável e rico, e isso piorou as coisas. Os meus pais não me visitavam com frequência. Acho que a cidade os assustava.

Julgo que o meu marido lhes parecia um estrangeiro e que isso os assustava, e creio que os meus filhos também os assustavam; deviam parecer-lhes descarados e mimados, com os seus quartos desarrumados e brinquedos de plástico e, mais tarde, os *piercings* no nariz e o cabelo azul e roxo. Portanto, houve vários anos de ressentimento entre nós.

Contudo, quando o meu marido morreu, no mesmo ano em que o meu último filho foi para a universidade, a minha mãe, que também enviuvara no ano anterior, viajou para Nova Iorque e acariciou-me a testa, como costumava fazer quando eu era pequena e estava doente, e disse que lamentava que eu tivesse perdido o pai e o marido em tão pouco tempo.

— Que posso fazer por ti?

Eu estava deitada no sofá.

— Conta-me qualquer coisa — respondi.

Ela sentou-se no cadeirão perto da janela.

— Ora bem, vejamos. O marido da Susan Burgess deixou-a e mudou-se para a Suécia. Imagino que tenha sido o apelo dos antepassados, sei lá. Se bem te lembras, antes de ir para a universidade, ele vivia numa terreola qualquer no Norte, chamada New Sweden. A Susan continua a morar em Shirley Falls, com o tal filho.

— Continua bonita? — perguntei.

— Nem um pouco.

E assim começou. Como o fio de uma cama de gato que ligava a minha mãe a mim, me ligava a mim a Shirley Falls, os mexericos, as notícias e as recordações sobre a vida dos irmãos Burgess ampararam-nos. Relatávamo-los e repetíamos-los. Voltei a contar à minha mãe a ocasião em que me cruzei com Helen Burgess, a mulher de Jim, quando eles viviam, como eu, no bairro de Park Slope, em Brooklyn: os Burgess mudaram-se de Hartford para lá depois do julgamento de Wally Packer, quando Jim começou a trabalhar num grande escritório de advogados de Manhattan.

Uma noite, o meu marido e eu calhámos a jantar perto de Helen e de uma amiga dela num café de Park Slope, e, à saída, parámos junto à sua mesa. Eu tinha bebido um pouco de vinho — imagino que tenha sido por isso que parei — e disse-lhe que era da mesma cidade onde Jim crescera. A expressão de Helen ficou-me na memória: um medo fugaz. Perguntou-me o nome, eu disse-lhe, e ela comentou que o Jim nunca tinha falado de mim. É natural, eu era mais nova, expliquei. Ela compôs então o guardanapo de pano com um pequeno safanão e disse: «Há anos que não vou lá acima. Foi um prazer. Adeusinho.»

A minha mãe opinou que Helen podia ter sido mais simpática nessa noite.

— Lembra-te que ela veio de uma família rica. Devia achar-se melhor que uma pessoa do Maine.

Eu aprendera a ignorar aquele tipo de comentários. A atitude defensiva da minha mãe em relação ao seu Maine já não me incomodava.

Mas quando o filho de Susan Burgess fez o que fez, quando a história apareceu nos jornais, inclusivamente no *The New York Times*, e também na televisão, disse à minha mãe, pelo telefone:

— Acho que vou escrever a história dos irmãos Burgess.

— É uma boa história — concordou ela.

— As pessoas vão dizer que não é bonito da minha parte escrever sobre pessoas que conheço.

Naquela noite, a minha mãe estava cansada. Bocejou.

— Bem, não os conheces, na verdade — alegou ela. — Nunca ninguém conhece ninguém.

Uma tarde ventosa de outubro, no bairro de Park Slope, em Brooklyn, Nova Iorque, Helen Farber Burgess fazia as malas para ir de férias. Havia uma grande mala azul aberta em cima da cama e a roupa que o marido escolhera na noite anterior estava dobrada e empilhada no cadeirão ali perto. O sol alastrava pelo quarto de cada vez que as nuvens se desviavam, fazendo reluzir os casquilhos de latão da cama e tornando a mala ainda mais azul. Helen fazia viagens entre o quarto de vestir — com os seus espelhos enormes, o papel de parede de tecido branco e a janela comprida com a moldura escura — e o quarto, que tinha umas portas envidraçadas, fechadas naquele momento, mas que davam para uma varanda com vista para o jardim. Helen experimentava naquele momento uma espécie de paralisia mental que se apoderava de si quando fazia as malas para uma viagem, por isso o toque súbito do telefone foi um alívio. Quando viu a palavra «privado» soube que só podia ser a mulher de um dos sócios do marido — eram uma prestigiada firma de advogados famosos — ou o seu cunhado Bob, que tinha há anos um número que não constava da lista, mas que não era, nem jamais seria, famoso.

— Ainda bem que és tu — disse ela. Tirou um lenço colorido da gaveta da cómoda, segurou-o à sua frente e largou-o em cima da cama.

— Ah sim? — Bob parecia surpreendido.

— Receava que fosse a Dorothy. — Helen abeirou-se da janela e contemplou o jardim. O vento fazia inclinar o abrunheiro

e redemoinhava as folhas amarelas da doce-amarga que havia no chão.

— Porque não querias que fosse a Dorothy?

— Neste momento, ela aborrece-me — respondeu Helen.

— Estás prestes a passar uma semana com eles.

— Dez dias. Eu sei.

Uma breve pausa, e depois Bob disse:

— Pois. — O tom de voz com que disse aquilo transmitia uma compreensão total e rápida da situação. Era o seu ponto forte, pensou Helen, aquela estranha capacidade de se pôr na pele da outra pessoa por um momento. Seria de esperar que fizesse dele um bom marido, mas, pelos vistos, não: a mulher deixara-o havia uns anos.

— Já não é a primeira vez que passamos férias com eles — recordou-lhe Helen. — Vai correr tudo bem. O Alan é um tipo muito simpático. Aborrecido.

— E o sócio-gerente da firma — acrescentou Bob.

— Isso também — admitiu Helen, num tom brincalhão. — Não é muito fácil dizer: «Sabem, preferíamos fazer esta viagem sozinhos.» O Jim diz que a filha mais velha do Alan e da Dorothy está numa fase péssima... anda no liceu, e o terapeuta familiar sugeriu que o casal se afastasse por uns dias. Não entendo que sentido faz os pais afastarem-se quando um filho não anda a portar-se bem, mas que sei eu?

— Também não entendo — disse Bob, com sinceridade. Depois: — Helen, passou-se uma coisa.

Ela ouviu-o enquanto dobrava um par de calças de linho.

— Vem até cá — interrompeu-o ela. — Quando o Jim chegar, vamos jantar fora.

Depois, Helen foi capaz de fazer as malas sem hesitações. O lenço colorido foi para a mala, a acompanhar três blusas de linho branco, umas sabrinas pretas e o colar de coral que Jim lhe oferecera no ano anterior. Quando tomasse um *whisky sour* com Dorothy no terraço, enquanto esperavam que os

maridos tomassem duche depois do golfe, Helen comentaria: «O Bob é um homem interessante.» Talvez até mencionasse o acidente, que Bob, então com quatro anos, estava a brincar com as mudanças e fizeram o carro deslizar e atropelar mortalmente o pai; o Sr. Burgess descera a ladeira para consertar qualquer coisa na caixa de correio, deixando as três crianças no carro. Uma verdadeira tragédia. E um assunto tabu. Jim abordara-o uma vez apenas em trinta anos. Mas Bob era um homem ansioso, e Helen gostava de olhar por ele. «És uma verdadeira santa», diria porventura Dorothy, recostando-se, com os olhos ocultos atrás dos enormes óculos de sol. Helen abanaria a cabeça. «Apenas uma pessoa que precisa que precisem dela. E agora com os miúdos já crescidos...» Não, não mencionaria os filhos. Com a filha dos Anglins a reprovar os exames e a chegar a casa de madrugada. E alguma vez poderiam passar dez dias juntos sem falar dos filhos? Decidiu pedir a opinião de Jim.

Helen desceu e entrou na cozinha.

— Ana — disse à empregada doméstica, que lavava umas batatas-doces com uma escova para legumes. — Ana, esta noite vamos jantar fora. Pode ir para casa.

O vento espalhava as nuvens outonais, magníficas na sua escuridão matizada, e feixes largos de sol pintavam os edifícios da Sétima Avenida. Era aí que ficavam os restaurantes chineses, as joalharias, as mercearias com frutas e legumes e baldes com flores. Bob Burgess passou por todos eles a caminho da casa do irmão.

Bob era um homem alto de cinquenta e um anos, e a sua maior virtude era a simpatia. Estar com Bob era como estar num pequeno círculo de amigos chegados. Se Bob tivesse sabido disso, a sua vida poderia ter sido diferente. Mas não sabia e, com frequência, um medo indefinido oprimia-lhe o coração. Além do mais, era volúvel. Os amigos concordavam que ele era

uma excelente companhia, mas que, quando tornavam a vê-lo, ele parecia ausente. Disso Bob sabia, porque a ex-mulher lho dissera. Pam afirmava que ele se perdia em pensamentos.

— Ao Jim acontece o mesmo — alegara Bob.

— Não estamos a falar do Jim.

Na beira do passeio, à espera que o semáforo mudasse, Bob sentiu uma imensa gratidão pela cunhada, por ter dito: «Quando o Jim chegar, vamos jantar fora.» Era com o irmão que queria falar. O que Bob vira umas horas antes da janela do seu quarto andar, o que ouvira no apartamento por baixo do seu, perturbara-o, e, naquele momento, enquanto atravessava a rua e passava por um café com um interior sombrio em cujos sofás havia jovens hipnotizados pelos ecrãs dos portáteis, Bob sentiu-se longe de tudo o que o rodeava. Como se não vivesse em Nova Iorque há metade da vida e não amasse a cidade como se fosse uma pessoa, como se nunca tivesse deixado os vastos prados de erva nem desejado nada mais além dos céus lúgubres de Nova Inglaterra.

— A tua irmã acabou de ligar — disse Helen, quando Bob atravessou a soleira da porta gradeada sob a escadaria do prédio. — Queria falar com o Jim e parecia um bocado soturna. — Virou-se depois de pendurar o casaco de Bob no armário da entrada, e acrescentou: — Eu sei. Ela soa sempre assim. Mas como eu digo sempre: a Susan sorriu para mim uma vez. — Sentou-se no sofá e encolheu as pernas debaixo dela; vestia uns colãs pretos. — Eu estava a tentar imitar o sotaque do Maine.

Bob acomodou-se na cadeira de balouço. Os seus joelhos subiam e desciam.

— Ninguém devia tentar imitar o sotaque do Maine à frente de uma pessoa do Maine — continuou Helen. — Não sei por que motivos os sulistas são muito mais tolerantes em relação a isso, mas a verdade é que são. Se saudares um sulista imitando o sotaque dele, não ficas com a sensação de que estás a fazer troça de ti. Bobby, estás tão nervoso. — Inclinou-se para a frente,

dando palmadinhas no ar. — Não faz mal. Podes estar nervoso à vontade, desde que estejas bem. Estás bem?

Toda a vida a bondade quebrantara Bob, que sentiu então a manifestação física desse facto: uma espécie de fluidez que lhe alastrava pelo peito.

— Nem por isso — admitiu. — Mas tens razão em relação ao sotaque. Quando as pessoas fazem pouco de nós, dói. É penoso.

— Eu sei — disse Helen. — Conta-me lá o que aconteceu.

Bob disse:

— A Adriana e o Betinho tiveram mais uma discussão.

— Espera lá — disse Helen. — Ah, claro. O casal por baixo de ti. Têm aquele cãozinho idiota que passa a vida a ladrar.

— Isso.

— Continua — disse ela, contente por se ter recordado. — Um segundo, Bob. Tenho mesmo de te contar o que vi nas notícias ontem à noite. Numa pequena reportagem chamada «Os Homens Verdadeiros Gostam de Cães Pequenos». Entrevistaram uma série de homens com um ar meio... desculpa... amaricado, que seguravam ao colo uns cães minúsculos com gabardinas de tecido escocês e galochas, e eu pensei: «Mas é isto que dão no noticiário? Estamos há quase quatro anos envolvidos numa guerra no Iraque e é a isto que chamam notícia?» É porque não têm filhos. As pessoas que vestem os cães daquela maneira. Bob, lamento muito. Continua a tua história.

Helen pegou numa almofada e acariciou-a. Corara, e Bob achou que ela estava a ter um afrontamento, por isso fitou as mãos para lhe dar privacidade, não se dando conta de que Helen corara por ter falado de pessoas que não tinham filhos, como acontecia com Bob.

— Discutem — prosseguiu Bob. — E quando discutem, o Betinho, o marido, porque eles são casados, grita sempre o mesmo, uma e outra vez: «Foda-se, Adriana, estás a dar comigo em doido.» Sem parar.

**Um retrato comovente das ligações familiares,
das cicatrizes da memória e da fragilidade do perdão.
Bestseller do The New York Times e considerado
o Melhor Livro do Ano pelo *The Washington Post*.**

«E era tarde demais. Ninguém quer acreditar que é tarde demais, mas está sempre a tornar-se tarde demais, e não há volta a dar.»

A família Burgess era perfeita, vivia numa casa amarela no topo de uma colina da pacata cidade de Shirley Falls, até o patriarca morrer num acidente de contornos bizarros. Perseguidos pela tragédia, Jim e Bob Burgess abandonam a cidade natal assim que podem, para fazer vida em Nova Iorque. Jim, carismático e ambicioso, constrói uma carreira de sucesso como advogado corporativo, ao passo que Bob, um bom coração ferido pelo remorso, tenta encontrar o seu lugar à sombra do irmão mais velho. Sem esquecer os traumas da infância, levam na cidade grande uma vida confortável, apenas perturbada pela crise de meia-idade.

Mas a ameaça chega de onde já não esperavam, quando a irmã, Susan — a Burgess que ficou para trás, gémea de Bob —, os chama de regresso a casa, para ajudar o filho Zach, um «mosquinha-morta» acusado de um crime de ódio. No cenário da sua infância, as tensões, os silêncios e os ressentimentos ressurgem de formas inesperadas, comprometendo a difícil tarefa de se reconciliarem com o passado, antes que seja tarde demais.

Elizabeth Strout retorna a Shirley Falls, a pacata localidade do Maine que simboliza tantas pequenas cidades americanas, para nos apresentar a Bob Burgess, irresistivelmente humano e imperfeito. Com a sensibilidade e delicadeza que a caracterizam, oferece-nos uma história inesquecível sobre o que significa pertencer: a uma família, a um lugar e a nós mesmos.



**«Não é uma história do bem contra o mal, mas antes uma reflexão
complexa e corajosa sobre as relações políticas e familiares,
os efeitos da culpa e da mentira, as motivações e fracassos das pessoas.
Um retrato de uma pequena cidade, que é extremamente cativante,
memorável e, apesar de tudo, esperançoso.»**

The Guardian

**«O que torna este romance genuíno é ser confuso, emaranhado
e digressivo. Nele saboreia-se a autenticidade da imperfeição.»**

NPR



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-589-432-1



9 789895 894321